

O CARAPUCERO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

Hunc servare modum nostri novere libet;
Parcere personis, dicere de vituis.

Marcial Liv. 10. Epist. 55.

Guardarei nesta comia essas regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

Huma rajada de Politica.

Há muito não me metto nos debuxos da Politica, já por não sahir fôra das vias, que me propuz, já por que o nosso Povo deve de estar atediado de tanta Politica. Tempo houve, em que os nossos Periodicos não tractavão, se não desse, soltando baforadas do Contrâcto Social, copiando trechos de Mably, do Barão d'Holbach, e d'outros Politicos, que hoje se reputão fazenda velha, e avariada na culta, e politica Europa. As boticas, as lojas, os batequins, e as officinas de Barbrios, e Sipateiros erão outros tantos Parlamentos de Politica transcendental, on le se discutia sobre a divisão, e harmonia dos Poderes, sobre a vitaliciedade do Senado, sobre o Veto absoluto, ou suspensivo, q' era hum pasmar. Hoje tem amainado hum pouco esse vendaval; e alguns jà se vêm desenganando, que o ramo da Politica não he especulação, que chegue para todos.

Tinha me deixado pois de Politicar: mas agora sinto cocegas de sahir a terreiro, quando observo, como se vai desvariando a opinião a respeito dos nossos negocios, sobre os quacs you dizer fiziu-

camente a minha opinião. He inegavel, que muitos, e gravissimos males tem sofrido o Brazil depois do Systema, que actualmente nos rege, o que de força havia acontecer; por que as Revoluções, bem como os medicamentos fortes, e decisivos para os enfermos, trazem incalculaveis descomodos aos Povos. Muitos á vista dos males, que sofremos, sem saberem, ou sem se darem ao trabalho de pesquisar as causas, recorrem ao mui vulgar sophisma "Post hoc ergo propter hoc"; e tudo atribuem ao Regimen Constitucional Representativo, como se podesse ter imperfeição, e vicio intrinseco hum Systema, que há elevado ao fastigio da grandeza, e prosperidade a Grã-Bretanha, França, e os Estados Unidos d'America do Norte. Alguns, que se queixão da nossa Constituição, são sinceros; por que não alcanção a mais. Observando, que muitos males tem apparecido depois della, não reconhecem outra causa de taes males, e desejarão, que volvessem os tempos do passado Governo: outros porém fazem-o por tactice para setas fics, e inventarão o termo *Regresso*, como uni-

co meio de salvar o Brazil: e para desgostar os Povos, e desconceituar a actual Administração do Brazil, ensinando até em seus revolucionarios escriptos, que esta pretende proclamar o *Regresso*, isto he; dar cabo da Constituição, e entronizar o Absolutismo. Estou convencido, que a nossa actual Administração não vai certamente de acordo com os Republicanos; que he toda Monarquista: mas não me entra em cabeça, que cidadãos tão illustrados, e tão conspicuos concebam o quixotol projecto de volver o Brazil ao regimen monstruoso de D. João 6. • Não, esta intriga he para mim muito pueril.

Extremos não se logrão; e extremos são os que nos hão causado os maiores prejuizos. Huns querem a Republiea; outros desejaõ a Monarchia absoluta. Rascaveis, e justos só me pareço os que propugnão pelo meio termo, isto he; os que querem a Constituição Monarchico-Constitucional Representativa, que a Nação abraçou, e jurou. Talvez nos conviesse a principio huma Constituição, em que menos predominasse o elemento Democrático; talvez conviesse então deixar de inserir nella certos Artigos; mas hoje seria imprudente querer acabar inteiramente com hum Regimen, que já calou no espírito dos Povos, hum Regimen, que sustenta, e nutre a huma consideravel porção de Cidadãos; e teríamos nesse caso a ameaça do Evangelho — *Et erit novissimus error peior priori.*

Não desconfieço, como já disse, os males, que nos affligem. Uma Revolução tão momentosa não podia effectuar-se sem gravíssimos inconvenientes. Passámos infelizmente sem: nenhuma transição de colonos a Povos livres, vingamo de hum salto muitos degraus do pragreso social; e isto de via acarretar-nos transtornos, e consideraveis prejuizos." Nada hâ mais fecundo em maravilhas (diz o nñi judicioso Alexis Tocqueville) de que a arte de ser livre: nada porém he mais duro, do que o ensaio

da liberdade. Muitas vezes apresenta-se o Absolutismo, como reparador de todos os males, que se sufre: elle he o sustentaculo do bom direito, escudo dos opprimidos, e fundador da ordem. Os povos dormem no seio da prosperidade momentânea, que elle produz; mas quando despertão, achão-se miseráveis. A Liberdade pelo contrario nasce ordinariamente no meio de tempestades: ella custosamente se estabelece por entre as discordias civiz; e só se percebem os seus benefícios, quando ella já tem envelhecido."

O *Regresso*, dizem alguns, he o único recurso, de que devemos lançar mão para repôr as cousas em seus devidos eixos. Deixemo-nos de Constituição: proclaimemos o Imperador Absoluto; que tudo s'rã remediado. Quanto se enganão os que assim pensão de boa fé! Primeiramente todo o Poder humano absoluto he para mim hum monstro horrivel, que não deve ser desejado por nenhum ente racional, que conhece, e aprecia a sua dignidade." O Absolutismo (dizem outra parte o precipitado Autor) he em si mesmo causa má, e perigosa: o seu exercicio parece ser superior às forças do homem, veja elle quem for; e só a Deus conhõe capaz de ser Absoluto sem perigo; por que a sua justica, e sabedoria são iguaes ao seu Poder. Pelo que não há sobre a terra Autoridade tão respeitável em si mesma, ou revestida de hum Direito tão sagrado, que en quizesse deixar obrar sem regras, e dominar sem obstaculos. Quando vejo pois conceder o direito, e faculdade de fazer tudo a qual quer Poder, quer este se chame Rei, quer Democacia, que Aristocracia, ou seja exercido em huma Monarchia, ou em huma Republica; digo: aí está o germe da Iyania; e procuro ir viver debaixo das suas leis."

Em segundo lugar poder-se-há efficiar este *Regresso*, sem huma revolução sanguinolenta, destruidora, e horível, sem pôr as cousas finalmente em pior

es'ado? As muitas famílias, os inúmeros indivíduos, cuja subsistência, e prosperidade estão identificadas com o Regimen actual, a irá? não de tudo, e ficarão pacíficos observadores da sua propria ruina, e desgraça? Suponhamos porém, que por inadvertido prodigo não achavão os Absolutistas oposição alguma a seus designos: suponhamos, que como vulgarmente se diz, sem pau, nem pedra conseguião desplantar a Constituição, e proclamar o Governo Absoluto; melhorarião com isto as ecusas do Brasil? Ficarião os Povos morigerados? Serão boas as leis, e bem executadas? Seria melhor administrada a Justiça? Teríamos melhor arrecadação, e distribuição das nossas Finanças? Estou persuadido, que não. Depois de mil estorves, e embaraços, ficariam no mesmo, ou em pior estado; por que os nossos maus não provêm certamente da Constituição escrita, que he letra morta; provêm de nos mesmos, que somos cheios de vícios, e caprichos. E terá o vocabulo *Absolutismo* (alias horroso) a virtude mágica de mudar os homens?

Neste Regimen quae serião os Agentes do Poder? Farião surgir das frías cenas do sepulcro os nossos Avós de cabecilhas, e espadas à cinta para dirigirem os nossos negócios? Quem poi nos governaria, se não os mesmos homens, que vivem connosco, e que todos conhecemos? Muitos destes já tem sido excludentes dos em todos os ramos da Pública Administração; e o que tem feito? H. ns tem e locupletado; outro tem arrumado seus parentes, e assim, outros finalmente só tem servido de dar sobrejas provas da sua incapacidade. Onde estão as virtudes Religiosas, civicas dos nossos Grandes, ricos, e fiduciosos? Com honrosas exceções e raras, que delles he, que a corrupção desce, e se propaga ás classes inferiores. Quem he, que protege, e apadrinha o facinoroso, o salteador, e assassino, se não nós mesmos, que nos a-

pregoamos cidadãos elevados? Quem tinhéu huma praga de cobre falso, e derramou na circulação? Quem mercadeja escandalosamente em carne humana? Quem s'empenha fortemente com os Juizes de facto para subtrahir á punição legal os maiores homicidas, e ladrões? Quem sustenta desordeiros, e sicarios para seus guarda-costas, e até para ministros de suas vinganças? Quem põe as sentenças, a prece marcado, e as funções da Justiça em almoeda? Quem se lá enclido dos dinheiros públicos, entregues á sua direcção? Semos nós outros, que nos dizemos homens de bem, e gente principal.

Pergunto agora: e todas estas desgraças são mandadas fazer pela Constituição? Pelo contrario esta garante o Direito de propriedade, e põe os Agentes do Poder em plena dependencia da Lei. Além disto temos o terrivel remedio da censura por meio do prelo. Ora se não obstante tudo isto, fazemos das nossas tedes os dias; o que será, proclamado o Governo Absoluto, isto he; a tiranía de laus pânicos de impostores, e vellacos agaloados, e seus agentes, e protegidos contra a mais população pacifica, e escrava? O Imperador, ainda que o suponhamos Divinamente assistido, e inspirado, não pôde governar per si só. Ha de forçosamente servir-se destes, ou d'aquelle de nós mesmos. Encontrará, não nego, alguns cidadãos mui honestos, instruidos, e capazes: mas huma máquina tão complicada, e extensa, como he o nosso Imperio ha mister muitos agentes superiores bons, outros subalternos, Magistrados, Funcionários de muitas especies, &c. &c. E Absolutismo terá o talisman de crecer esas capacidades? Ou a virtude celeste de fazer conversões? De necessidade ha de lançar mão dos actuaes clementes, de necessidade ha-se ajudar de nós mesmos, e eis n'um hum circulo vicioso. Mudâ-se os altares; mas os Santos ficam os mesmos: os desafetos, os vellacadas, e injustiças, que hoje se

praticão sob capa da constituição, far-se-ião, e ainda maiores em nome do Imperador, e sob pretexto de segurar-lhe o Throno; com a diferença porém de que presentemente os cidadãos, e oppressos ainda tem o desabafo, e riscerio de recorrer ao Prelado, de denunciá-la à Opinião Pública as malversações, e picardias dos Agentes do Poder; e tem-se visto alguma vez produzir este mal-saudavel effeito; por que a Opinião Pública he a verdadeira Rainha absoluta do Mando Político: mas proclamando o Absolutismo, tudo curvaria o colo ás paixões, e caprichos dos Mandões; elles pizarião os Povos; e o mais leve queixume seria punido, como huma rebeldia formal. O Prelado estaria só ás ordens do Poder; e depois de larga oppressão o Throno tornar-se-ia hum objecto de horror; e quando os Povos chegassesem a succeder o jugo, desse dia desapareceria entre todos a Monarquia.

Jalgo pois nôi posso reflexivos os que desejaõ entre nós esse *Regresso*; e em meu entender estão quasi no mesmo caso, que os Republiqueiros. Monarquia absoluta, ou Republica Democrática no Brazil de hoje serião dous terríveis flagellos, duas desgraças, que nos abysmarião nos maiores horrores imagináveis. Convenho, e muitas vezes o hei dicto, que precisamos de varias Reformas; mas reformar não he destruir. He preciso em meu humilde entender emendar muitas das nossas Leis secundarias, ou administrativas, monarquizando as o melhor, que for possivel; acabando com tantas eleições para todo quanto há. Isto entendo eu; mas destruir a Lei Fundamental, dizer — Acabe-se a Constituição; e governe-nos o Imperador, como bem parecer, não á Elle; mas aos seus Aulicos, aduladores, e Sycophantas, para ahi não vou, nem me parece, irá nenhum homem de brio, e de juizo.

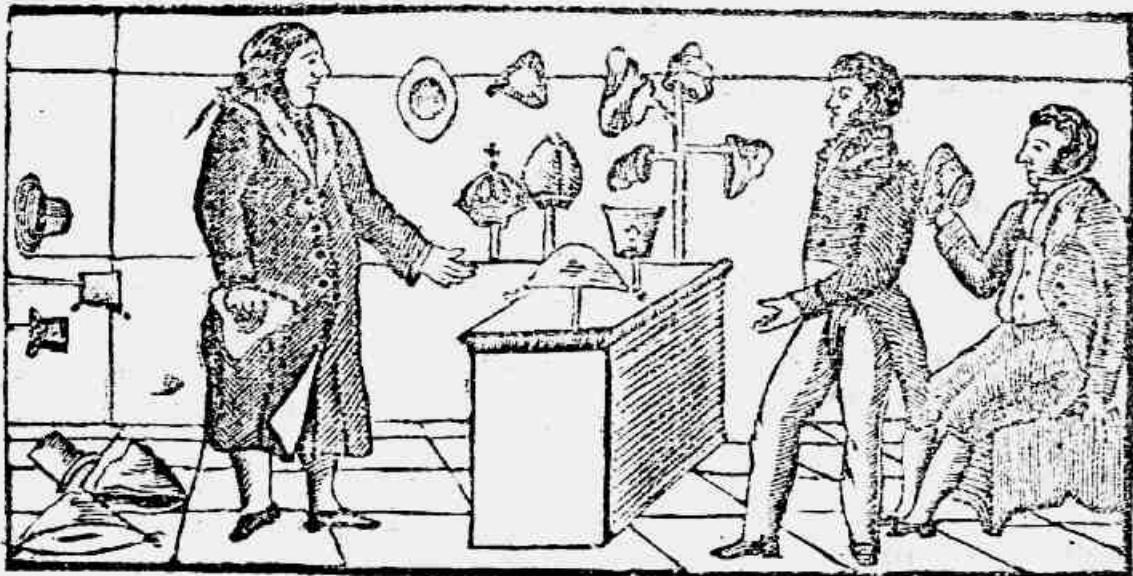
A principal reforma, de que mais carecemos he nos principios Philosophicos, que infelizmente nos tem levado ás bordas do aby-

me. Proscrivão do Brazil os nossos Legisladores essa Philosofia Atheista, que desd'a Revolução Franceza se tem inoculado por toda a parte: procurem desconceciuar o Materialismo, e Egoismo, esses canecos roedores da Moral dos Povos: extendão a mão robusta ao Altar, que entre nós quasi jaz por terra: deem todo o acorçoamento possivel á sancta, augusta, benefica, e Divina Religião de nossos País, e ver-se-á o Brazil melhorar a olhos vistos, qual reverdece, e medra a planta definhada, e triste, quando recebe o rocio do ceo. Talvez me digão os *Regressistas*, que o Absolutismo não pretende outa cousa, se não isto mesmo: mas de quem se compõe os partida i-los deste systema? Alguns existem no Corpo Legislativo; existem outros na classe do executivo; no Judicíario não faltão Absolutistas: o que tem de fazer então, facão o agora. Proposito, promovão, insinuem esas reformas, essas medidas saudaveis, escrevão em favor delles; e verão, como os Povos as abração de boa vontade, sem ser mister arrojatos na medonha voragem da guerra civil. Eai sim geralmente faltando não me agradaão revoluções, e mais se são feitas d'estallo, e por meios violentos. Revoluções utéis, e proveitosas só são aquellas, que vem em consequencia de novas ideias, de habitos novos; todas as mais ou são efemeras, e mui desgraçadas, ou vem a custar sacrifícios incalculaveis, para se obter ainda com mais vagareza o que branda, e insensivelmente se poderá alcançar, deixando, que a marcha do espírito humano seja o seu peudor natural.

VARIEDADE.

Anecdota.

Hum Bispo de Coimbra, querendo encorajar a hum amigo em Lisboa huma duzia de alabardas para os Verdeaes da Universidade, mandou ao seu Secretario, que escrevesse a carta; e este, por descuido, em vez de alabardas escreveu *albardas*. O amigo, recebendo o avis, fez logo apropistar a encomenda, e a remeteu para Coimbra. O Bispo, como conhecesse o motivo do engano, lhe escreve por sua mão, dizendo: "Fico estregue das alabardas; e posto não ser o que eu queria, são mui bem mandadas, e melhor merecidas. Serão seis para o meu Secretario, por escrever *albardas* em lugar de alabardas, e as outras seis para mim, por assignar a carta sem a ler."



O CARAPUCERO.

PERIODICO SEMPRE MORAL. E SO' PER ACCIDENS POLITICO:

Hunc servare modum nostri novere libet;
Parcere personis, dicere de vitiis.
 Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas
 Que he dos vicios fallar, não das pessoas

Huma rajada de Politica.

Há muito não me metto nos debuxos d' **Politica**, já por não sahir fôra das raias, que me propuz, já por que o nosso Pôvo deve de estar atediado de tanta Politica. Tempo houve, em que os nossos Periodicos não tractavão, se não dessta, soltando baforadas do Contracto Social, copiando trechos de Mably, do Barão d'Holbac, e d'outros Politicos, que hoje se reputão fazenda velha, e avariada na cultura, e politica Europa. As boticas, as lojas, os botequins, e as officinas de Barbairos, e Sepateiros erão outros tantos Parlamentos de Politica trans-continental, onde se discutia sobre a divisão, e harmonia dos Poderes, sobre a vitaliciedade do Senado, sobre o Veto absoluto, ou suspensivo, q' era hum pasmar. Hoje tem amainado hum pouco esse vendaval; e alguns já se vão desenganando, que o ramo da Politica não he especulação, que chegue para todos.

Tinha me deixado pois de Politicar: mas agora sinto cocegas de sahir a terreiro, quando observo, como se vai desvariando a opinião a respeito dos nossos negocios, sobre os quaes von dizer fran-

camente a minha opinião. He inegavel, que muitos, e gravíssimos males tem sofrido o Brazil depois do Systema, que actualmente nos rege, e que de força havia acontecer; por que as Revoluções, bem como os medicamentos fortes, e decisivos para os enfermos, trazem incalculaveis descomodos aos Povos. Muitos á vista dos males, que sofremos, sem saberem, ou sem se darem ao trabalho de pesquisar as causas, recorrem ao mui vulgar sophisma "Post hoc ergo propter hoc"; e tudo atribuem ao Regimen Constitucional Representativo, como se podesse ter imperfeição, e vicio intrinseco hum Systema, que há elevado ao fastigio da grandeza, e prosperidade a Grâ-Bretanha, França, e os Estados Unidos d'America do Norte. Alguns, que se queixão da nossa Constituição, são sinceros; por que não alcanção a mais. Observando, que muitos males tem apparecido depois della, não reconhecem outra causa de taes males, e desejação, que volvessem os tempos do passado Governo: outros porém fazem-o por tactica para seus fins, e inventarão o termo *Regresso*, como uni-

co meio de salvar o Brazil : e para desgostar os Povos, e desconceituar a actual Administracão do Brazil, ensinuão até em seus revolucionarios escriptos, que esta pretende proclamar o *Regresso*, isto he ; dar cabo da Constituição, e enthronizar o Absolutismo. Estou convencido, que a nossa actual Administracão não vai certamente de acordo com os Republiqueiros ; que he toda Monarchista : mas não me entra em cabeça, que cidadãos tão illustrados, e tão conspicuos concebão o quixotal projecto de volver o Brazil ao regimen monstruoso de D. João 6.º Não, esta intriga he para mim muito pueril.

Extremos não se logrão ; e extremos são os que nos hão causado os maiores prejuizos. Huns querem a Republica ; outros desejan a Monarchia absoluta. Rascaveis, e justos só me parecem os que propugnão pelo meio termo, isto he ; os que querem a Constituição Monarchico-Constitucional Representativa, que a Nação abraçou, e jurou. Talvez nos conviesse a principio huma Constituição, em que menos predominasse o elemento Democratico ; talvez conviesse então deixar de inserir nella certos Artigos ; mas hoje seria imprudente querer acabar inteiramente com hum Regimen, que já cálou no espirito dos Povos, hum Regimen, que sustenta, e nutre a huma concideravel porção de Cidadãos ; e fériamós nesse caso a ameaça do Evangelho — *Et erit novissimus error peior priori.*

Não desconheço, como já disse, os males, que nós affligem. Huma Revolução tão momentosa não podia effeituar-se sem graves inconvenientes. Passamos infelizmente sem uenhum a transição de colonos a Povos livres, vingamos de hum salto muitos degraus do progresso social ; e isto devia acarretarnos transtornos, e concideraveis prejuizos. Nada há mais secundo em maravilhas (diz o mui judicioso Alexis Tocqueville) de que a arte de ser livre : nada porém he mais duro, do que o ensaio

da liberdade. Muitas vezes appresenta-se o Absolutismo, como reparador de todos os males, que se sofre : elle he o sustentaculo do bem direito, escudo dos cprimidos, e fundador da ordem. Os povos dormem no seio da prosperidade momentanea, que elle produz ; mas quando despertão, achão-se miseraveis. A Liberdade pelo contrario nasce ordinariamente no meio de tempestades : ella custosamente se estabelece por entre as discordias civiz ; e só se perceberão os seus benefícios, quando ella já tem envelhecido."

O *Regresso*, dizem alguns, he o unico recurso, de que devemos lançar mão para repôr as cousas em seus devidos eixos. Deixemo-nos de Constituição : proclamemos o Imperador Absoluto ; que tudo será remediado. Quanto se enganão os que assim pensão de boa fé ! Primeiramente todo o Poder humano absoluto he para mim hum monstro horrivel, que não deve ser desejado por nenhum ente racional, que conhece, e aprecia a sua dignidade." O Absolutismo (dizem outra parte o precitado Auctor) "he em si mesmo causa má, e perigosa : o seu exercicio parece-se superior às forças do homem, seja elle quem for ; e só a Deus conhecido capaz de ser Absoluto sem perigo ; por que a sua justica, e sabedoria são iguaes ao seu Poder. Pelo que não há sobre a terra Auctoridade tão respeitável em si mesma, ou revestida de hum Direito tão sagrado, que eu quizesse deixar obrar sem regras, e dominar sem obstáculos. Quando vejo pois conceder o direito, e faculdade de fazer tudo a qual quer Poder, quer este se chame Rei, quer Democracia, que Aristocracia, ou seja exercido em huma Monarchia, ou em huma Republica ; digo : aí está o germen da tyrannia ; e procuro ir viver debaixo d'outras leis."

Em segundo lugar poder-se-há effeituar esse Regresso sem huma revolução sanguinolenta, destruidora, e horrivel, sem por as cousas finalmente em pior

estado? As muitas famílias, os inúmeros indivíduos, cuja subsistência, e prosperidade estão identificadas com o Regimen actual, abrirão mão de tudo, e ficarão pacíficos observadores da sua propria ruina, e desgraça? Supponhamos porém, que por inadicto prodigo não achavão os Absolutistas oposição alguma a seus designos: suponhamos, que como vulgarmente se diz, sem pau, nem pedra conseguião desplantar a Constituição, e proclamar o Governo Absoluto; melhorarião com isto as couças do Brazil? Ficarião os Povos morigerados? Serião boas as leis, e bem executadas? Seria melhor administrada a Justiça? Teríamos melhor arrecadação, e distribuição das nossas Finanças? Estou persuadido, que não. Depois de mil estorvos, e embargos, ficariamos no mesmo, ou em pior estado; por que os nossos maiores não provêm certamente da Constituição escripta, que he letra morta; provêm de nos mesmos, que somos cheios de vícios, e caprichos. E terá o vocabulo *Absolutismo* (alias horroso) a virtude mágica de mudar os homens?

Neste Regimen quae serião os Agentes do Poder? Farião surgir das frias cinzas do sepulcro os nossos Avós de cabelleiras, e espadas á cinta para dirigirem os nossos negócios? Quem pois nos governaria, se não os mesmos homens, que vivem connosco, e que todos conhecemos? Muitos destes já tem sido experimentados em todos os ramos da Pública Administração; e o que tem feito? Huns tem-se locupletado; outros tem arrumado s̄us parentes, e afilhados, outros finalmente só tem servido de dar sobrejas provas da sua incapacidade. Onde estão as virtudes Religiosas, e cívicas dos nossos Grandes, ricos, e poderosos? Com honrosas excepções observa-se, que delles he, que a corrupção desce, e se propaga ás classes inferiores. Quem he, que protege, e apadrinha o facinerozo, o salteador, e assassino, se não nós mesmos, que nos a-

pregoamos cidadãos elevados? Quem cunhou huma praga de cobre falso, e a deixou na circulação? Quem mercadeja escandalosamente em carne humana? Quem s'empenha fortemente com os Juizes de facto para subtrahir á punição legal os maiores homicidas, e ladrões? Quem sustenta desordeiros, e sicarios para seus guarda-costas, e até para ministros de suas vinganças? Quem põe as sentenças, a preço marcado, e as funções da Justiça em almoeda? Quem se há enchedo dos dinheiros públicos, entregues á sua direcção? Somos nós outros, que nos dizemos homens de bem, e gente principal.

Pergunto agora: e todas estas desgraças são mandadas fazer pela Constituição? Pelo contrario esta garante o Direito de propriedade, e põe os Agentes do Poder em plena dependencia da Lei. Além disto temos o terrivel remedio da censura por meio do prelo. ora se não obstante tudo isto, fazemos das nossas todos os dias; o que será, proclamado o Governo Absoluto, isto he; a tyrannia de huns poucos de impostores, e velhacos agaloados, e seus agentes, e protegidos contra a mais população pacifica, e escrava? O Imperador, ainda que o suponhamos Divinamente assistido, e inspirado, não pôde governar per si só. Ha de forçosamente servir-se destes, ou d'aquellos de nós mesmos. Encontrará, não nego, alguns cidadãos mui honestos, instruidos, e capazes: mas huma machina tão complicada, e extensa, como he o nosso Imperio ha mister muitos agentes superiores huns, outros subalternos, Magistrados, Funcionarios de muitas especies, &c. &c. E o Absolutismo terá o talisman de crear essas capacidades? Ou a virtude celeste de fazer conversões? De necessidade ha de lançar mão dos actuaes elementos, de necessidade ha-se ajudar de nós mesmos, e eis-nos em hum círculo vicioso. Mudão-se os altares; mas os Santos ficão os mesmos: os desaforos, as velhacadas, e injustiças, que hoie se

praticão sob capa da constituição, far-se-ião, e ainda maiores, em nome do Imperador, e sob pretexto de segurar-lhe o Throne; com a diferença porém de que presentemente os offendidos, e oppresos ainda tem o desabafo, e rifrigerio de recorrer ao Prelado, de denunciar à Opinião Pública as malversações, e picardias dos Agentes do Poder; e tem-se visto alguma vez produzir este meio saudável effeito; por que a Opinião Pública te a verdadeira Rainha absoluta do Mundo Político: mas proclamado o Absolutismo, tudo curvaria o colo ás paixões, e caprichos dos Mandões; elles pizarião os Povos; e o mais leve querixume seria punido, como huma rebulião formal. O Prelado estaria só ás ordens do Poder; e depois de longa oppressão o Throne tornar-se-ia huma objecto de horror; e quando os Povos chegassem a sacedir o jugo, desse esse dia desaparência entre nós a Monarchia.

Julgo pois mui pouco reflexivos os que, desejam entre nós esse *Regresso*; e em meu entender estão quasi no mesmo caso, que os Republicanos. Monarchia absoluta, ou Republica Democrática no Brazil de hoje serião dous terríveis flagellos, duas desgraças, que nos abysmarão nos maiores horrores imagináveis. Convenho, e muitas vezes o hei dito, que precisamos de varias Reformas; mas reformar não he destruir. He preciso em meu humilde entender emendar muitas das nossas Leis secundárias, ou administrativas, monarquizando as o melhor, que for possível; acabando com tantas eleições para tudo quanto há. Isto entendo eu; mas destruir a Lei Fundamental, dizer — Acabe-se a Constituição; e governe-nos o Imperador, como bem parecer, não á Elle; mas aos seus Aulicos, aduladores, e Sícophantas, para ahi não von, nem me parece, irá nenhum homem de brio, e de juizo.

A principal reforma, de que mais carecemos he nos principios Philosophicos, que infelizmente nos tem levado ás bordas do aby-

mo. Proscrevão do Brazil os nossos Legisladores essa *Philosophia Atheista*, que desd'a Revolução Franceza se tem inoculado por toda a parte: procurem desconceituar o Materialismo, e Egoísmo, esses cancaros roedores da Moral dos Povos: extendão a mão robusta ao Altar, que entre nós quasi jaz por terra: deem todo o acorçoamento possível á sancta, augusta, benefica, e Divina Religião de nossos Pais, e ver-se á o Brazil melhorar a ilhos vistos, qual reverdece, e medra a planta definhada, e triste, quando recebe o rocio do ceo. Talvez me digão os *Regressistas*, que o Absolutismo não pretende outra cousa, se não is o mesmo: mas de quem se compõe os partidários deste sistema? Alguns existem no Corpo Legislativo; existem outros na classe do executivo; no Judiciário não faltão Absolutistas: o que tem de fazer então, faço-o agora. Proponho, promovo, insinuo essas reformas, essas medidas saudáveis, escrevo em favor dellas; e verão, com os Povos as abração de boa vontade, sem ser mister arrojalo na medonha voragem da guerra civil. Em geralmente fallando não me agradão revoluções, e mais se são feitas d'estallo, e por meios violentos. Revoluções uteis, e proveitosas só são aquelas, que vem em consequencia de novas ideias, de hábitos novos; todas as mais eu são elemeras, e mui desgraçadas, ou vem a custar sacrifícios incalculaveis, para se obter ainda com mais vagareza o que branda, e insensivelmente se poderia alcançar, deixando, que a marcha do espírito humano seja o seu pendor natural.

VARIEDADE.

Anecdota.

Han Bispo de Coimbra, querendo encorendar a hum amigo em Lisboa huma duzia de alabardas para os Verdeaes da Universidade, mandou ao seu Secretario, que escrevesse a carta; e este, por descuido, em vez de alabardas escreveu *albardas*. O amigo, recebendo o avis, fez logo apropria a encorenda, e a remeteu para Coimbra. O Bispo, como conhecesse o motivo do engano, lhe escreve por sua mão, dizendo. "Fico estregue das alabardas; e posto não ser o que eu queria, são mui bem mandadas, e melhor merecidas. Serão seis para o meu Secretario, por escrever *albardas* em lugar de alabardas, e as outras seis para mim, por assignar a carta sem a ler."